

EDITORIAL

Em pleno século XXI, pensar a contemporaneidade e definir o contemporâneo parece impor-se como uma necessidade cada vez mais em voga, desvelando a atração e preocupação ímpares que o tempo presente exerce em pensadores e pesquisadores das mais diversas áreas das artes, letras, ciências humanas e sociais. Acrescentem-se a isso, a pressa e a volatilidade do homem tecnológico, instantâneo, que leva a termo as diferentes ramificações e experiências do *ic et nunc*, da efemeridade das relações e dos afetos, dos bens e dos batentes sociais. Essa pressa e o fixo olhar no próprio tempo, no presente, na atualidade, no 'intempestivo' - como indica Nietzsche, sem distanciamentos ou uma percepção mais apurada dos acontecimentos, movimentos e constructos, acaba por escamotear a realidade e também a memória produzida *no e pelo* tempo passado.

Esse passado e essa memória vão ao encontro do nosso interesse no 'arquivo' legado pelo Oitocentos, que se distancia cada vez mais de nossa contemporaneidade, mas que não deixa de ser alvo de um contínuo reinvestimento. Arquivo que aporta em seu estudo todo o caldeirão cultural e humano que preparou e culminou a entrada nos tempos modernos, na tão famigerada modernidade, desencadeada pela Revolução Industrial e o advento do capitalismo.

No século XIX, período em que tanto se celebrou a história, muito paradoxalmente os artistas sentiram a necessidade de criar uma arte nova, dita moderna. Para além de toda querela estética (seja ela no âmbito da pintura, da literatura, etc.), Baudelaire, um dos primeiros a estabelecer o conceito moderno de 'modernidade' em seu *Curiosités esthétiques* (1868) - escritos, críticas e reflexões sobre a arte de seu tempo, considerou que "a modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável". A modernidade do XIX quebrou então paradigmas e introduziu uma fissura no seio da arte, de forma geral, aquela entre uma arte oficial, que permanecia submissa a regras estabelecidas no passado e uma arte viva, em consonância com a época contemporânea. Manet, pintor da modernidade por excelência, retomando uma fórmula de Diderot, afirmou que "é preciso ser de seu tempo e fazer aquilo que se vê". Essa modernidade nas letras e artes se traduziu também na arquitetura e no patrimônio urbano e imobiliário da época, a exemplo das largas avenidas construídas à maneira de Haussmann, o 'artista demolidor', e que foram imitadas e reproduzidas mundo afora. Mas o dogma da modernidade e do modernismo, difundidos de forma *rizomática* à época, não justificava o crescimento das desigualdades sociais em grande parte do espaço ocidental do Oitocentos.

O século XIX pode ser lido também como o tempo de uma língua que mistificou suas categorias em matéria política, jurídica e social, assim como em muitos aspectos da economia. É o momento em que uma série de rupturas abruptas, com modelos e paradigmas, vão se verificar nos mais diferentes níveis, seja nos planos político, econômico, literário, artístico, social, religioso ou científico. Período que ainda nos incomoda e perturba em sua análise, pendulando entre herança e descontinuidade, entre a invenção de uma tradição e o próprio esquecimento.

Outrossim, se configura como tempo de interrogações, das individualidades desejosas de tocar a totalidade: *tudo ver e tudo fazer ver; tudo compreender e tudo fazer compreender*, postulou Balzac. Esse desejo de totalidade, pode-se pensar, se traduz também em desejo de abarcar e dominar o mundo, a natureza, do qual somos herdeiros, ainda hoje, queiramos ou não.

Neste primeiro número da *Revista XIX* – artes e técnicas em transformação, o **dossiê** “Distensão e conservação de paradigmas no século 19” traz artigos que refletem continuidades e rupturas que marcaram o período e que, através da pluma de seus autores, se ativeram a discutilas sob a perspectiva do campo literário, das artes, da arquitetura, da história, da museologia e da economia.

A seção **ensaios** propõe uma discussão em torno da assimilação da arte japonesa e de seu importante papel na renovação da arte moderna ocidental; e oferece uma reflexão sobre o referencial ideológico presente na estética do *terroir* da literatura francófona do Québec rural e patriarcal no século XIX.

A seção **tradução** apresenta a recriação dos poemas *Mauvais sang* e *Nuit de l'enfer*, da coletânea *Une saison em enfer*, de Arthur Rimbaud, assim como a versão para o português do ensaio *Les traducteurs*, de Victor Hugo.

Junia Barreto
Editora-chefe